

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

Karina Tarasiuk

MATRIARCAS DA TERRA

**SÃO PAULO
2024**

Karina Tarasiuk

Matriarcas da Terra

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para a obtenção do
título de Bacharel em Comunicação Social
com Habilitação em Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Mônica de Fátima
Rodrigues Nunes Vieira

SÃO PAULO
2024

RESUMO

Este projeto consiste em um documentário cujo objetivo é mostrar a prática da agroecologia realizada por mulheres da Comuna da Terra Irmã Alberta, localizada no distrito de Perus, em São Paulo-SP, e, também, sua relação com as lutas feministas do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. O documentário expõe relatos de quatro mulheres que vivem há mais de uma década no acampamento e que veem a prática agroecológica como forma de lutar pela reforma agrária, preservação do meio ambiente e libertação feminina. Com a plantação das agroflorestas, estas mulheres encontram sua libertação do capitalismo e do patriarcado e atingem seu reconhecimento como “matriarcas da terra”.

Palavras-chave: Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Comuna da Terra Irmã Alberta. Agroecologia. Feminismo. Luta. Marxismo. Ecofeminismo. Alimentação saudável. Reforma agrária popular. Matriarca. Agrofloresta. Meio ambiente. Preservação da natureza. Liberdade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. JUSTIFICATIVA.....	6
2.1. 40 anos do MST.....	6
2.2. Agroecologia.....	9
2.3. Lutas feministas.....	10
2.4. Comuna da Terra Irmã Alberta.....	13
3. PROPOSTA.....	15
4. PRODUÇÃO.....	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
6. REFERÊNCIAS.....	22
7. ANEXO I.....	23
8. ANEXO II.....	24

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é constituído por uma parte escrita – o presente relatório – e por uma parte audiovisual – um documentário de 21 minutos e 51 segundos, que conta com entrevistas de quatro moradoras e militantes da Comuna da Terra Irmã Alberta, acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra no distrito de Perus, em São Paulo-SP, que produzem alimentos orgânicos, ecológicos e saudáveis.

O vídeo se baseia na perspectiva marxista e ecofeminista de que as opressões da mulher e da natureza caminham juntas e são consequência do patriarcado e do capital e que, quando a luta feminista e a ambiental se unem, podem se fortalecer. A proposta é verificar na prática a conexão entre as duas causas, que também se juntam, no caso do MST, à luta pelo direito à terra no Brasil.

O projeto é voltado para o público já familiarizado com o MST, o movimento feminista e a defesa do meio ambiente e que gostaria de conhecer histórias que relacionassem essas lutas. Durante o processo, foi verificado que em ambientes de defesa ambiental e de produção de alimentos orgânicos as mulheres não só têm autonomia nas suas escolhas, como também são liderança e as principais produtoras da sua comunidade. É o que Nancy Fraser apontaria como uma conquista por redistribuição (igualdade econômica) e reconhecimento (igualdade social).

Percebeu-se também a presença de uma mística feminina, na qual a terra é vista como uma mulher e a mulher é vista como “a guardiã das sementes” e da própria terra. Seria a ideia de cuidado que é culturalmente associada à mulher. Aqui: não só cuidado com os filhos, mas também cuidado com a terra. A ideia de que se as mulheres não fizerem esse trabalho, ninguém o fará.

2. JUSTIFICATIVA

O documentário tem como gancho histórico os 40 anos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Além disso, devido à minha trajetória no jornalismo ambiental, através de oportunidades da graduação e de estágios, havia o interesse em falar sobre (e documentar) as práticas agroecológicas produzidas pelo movimento. Junto a isso, o meu engajamento como feminista me levou a guiar o meu olhar para as mulheres dentro do MST.

Mas a justificativa, é claro, vai muito além de uma efeméride e dos meus interesses pessoais.

2.1. 40 anos do MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) surgiu no Paraná em 1984 como um movimento de camponeses que lutavam por reforma agrária popular, algo previsto na Constituição:

LEI N° 8.629, DE 25 DE FEVEREIRO DE 1993.

Dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, previstos no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal.

Art. 1º Esta lei regulamenta e disciplina disposições relativas à reforma agrária, previstas no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal.

Art. 2º A propriedade rural que não cumprir a função social prevista no art. 9º é passível de desapropriação, nos termos desta lei, respeitados os dispositivos constitucionais. (Regulamento)

§ 1º Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social. (Constituição Federal)

Durante a ditadura militar (1964 - 1985), houve intensa perseguição às lutas camponesas, com 1.654 camponeses mortos ou desaparecidos entre 1964 e 1988,

segundo estudo do pesquisador da Universidade de Brasília (UnB) e ex-presos políticos, Gilney Viana¹. Foi no fim deste período sombrio que o MST se estabeleceu.

No dia 24 de janeiro de 1984, foi organizado em Cascavel-PR o 1º Encontro Nacional de trabalhadores rurais que lutavam pela democracia da terra. Neste encontro decidiu-se formar um movimento camponês nacional, que originou o MST, com três objetivos principais: “lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país”².

O primeiro Congresso do MST ocorreu no ano seguinte, de 29 a 31 de janeiro de 1985. O movimento então se orientou com “a ocupação de terra como forma de luta”, e definiu seus princípios como: a luta pela terra, pela reforma agrária e pelo socialismo.

O MST se constituiu como um movimento marxista. No Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels não se aprofundaram na questão agrária, porém defenderam a abolição da propriedade privada dos meios de produção:

The distinguishing feature of Communism is not the abolition of property generally, but the abolition of bourgeois property. But modern bourgeois private property is the final and most complete expression of the system of producing and appropriating products, that is based on class antagonisms, on the exploitation of the many by the few.

In this sense, the theory of the Communists may be summed up in the single sentence: Abolition of private property.³ (Marx and Engels, p. 96)

Eles se referem aqui a uma fábrica, por exemplo, cuja posse é do burguês, mas cujo trabalho é do proletariado, que, por não ter posses, tem como única alternativa de sobrevivência vender a mão-de-obra.

¹ 60 anos do golpe militar: Estudo aponta 1654 camponeses mortos e desaparecidos na ditadura. Disponível em:

<https://apublica.org/2024/03/60-anos-do-golpe-militar-estudo-aponta-1654-camponeses-mortos-e-desaparecidos-na-ditadura/>. Acessado em 29 de maio de 2024.

² MST: Nossa história: Surge o MST. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>. Acessado em 03 de junho de 2024.

³ Tradução livre: A característica distintiva do comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa. Mas a propriedade privada burguesa moderna é a expressão final e mais completa do sistema de produção e apropriação de produtos, que se baseia em antagonismos de classe, na exploração de muitos por poucos.

Neste sentido, a teoria dos comunistas pode ser resumida numa única frase: Abolição da propriedade privada.

Como o sistema capitalista trata a terra também como propriedade privada, a relação é parecida. Nos latifúndios, muita terra pertence a pouca gente, porém o trabalho é dos camponeses que não têm nada.

Kohei Saito (2021) explica a análise marxista da relação entre ser humano e natureza, no livro *O escossocialismo de Karl Marx*:

Quando a terra se torna uma mercadoria, a relação entre os humanos e a terra é radicalmente modificada e reorganizada em prol da produção de riqueza capitalista. (Saito, 2021, p. 60)

A reforma agrária, então, se propõe como uma alternativa de redistribuição dessa terra, evitando a concentração fundiária. Na pequena propriedade, não existe a divisão *burguês x proletariado*, pois as famílias que fazem posse da terra também são responsáveis por seu cuidado:

A propriedade privada do trabalhador sobre seus meios de produção é o fundamento da pequena empresa, e esta última é uma condição necessária para o desenvolvimento da produção social e da livre individualidade do próprio trabalhador. (...) o trabalhador é livre proprietário privado de suas condições de trabalho, manejadas por ele mesmo: o camponês, da terra que cultiva; o artesão, dos instrumentos que manuseia como um virtuoso. (Marx, *O Capital*, Apud. Saito, 2021, pp. 68 e 69)

O MST se insere neste contexto de luta pela reforma agrária. Em janeiro de 2024 o movimento completou 40 anos, e já no ano anterior eu sabia que faria o meu documentário sobre esse movimento e sobre essa luta. A ideia inicial era contar esses 40 anos de história, o que seria impraticável para um documentário de 20 minutos produzido por uma só pessoa em um período de três meses. Por isso, tive que procurar um recorte.

E é claro que a relevância jornalística da pauta vai muito além da efeméride. O MST conquistou nos últimos 40 anos relevância social e política. Nos dois primeiros

anos da pandemia de covid-19, por exemplo, o MST doou seis mil toneladas de alimentos para as pessoas mais afetadas pela crise⁴.

E outras pautas se atrelaram ao movimento durante sua trajetória, como a luta pela soberania alimentar, pela defesa do meio ambiente, contra o uso de agrotóxicos e também pela defesa de minorias sociais. A defesa do meio ambiente e da alimentação saudável ocorre, sobretudo, a partir da prática de agroecologia, adotada como uma escolha política do movimento no IV Congresso Nacional, em fevereiro de 2000⁵.

2.2. Agroecologia

Agroecologia⁶ é uma quebra no paradigma da agricultura mecanizada de latifúndios. Ela se propõe a praticar a agricultura através de práticas ecológicas que não degradem o meio ambiente. Isso inclui rotatividade, diversidade de plantações e o não uso de agrotóxicos, produzindo alimentos orgânicos e saudáveis e colocando o ser humano e a natureza em harmonia.

A agroecologia pode também ser entendida por lentes marxistas:

Em sua análise [de Marx] da alienação em 1844 [Cadernos de Paris], já existe um tema central de sua crítica ao capitalismo, qual seja, *a separação e a unidade entre humanidade e natureza*. (Saito, 2021, p. 44)

Embora a noção de agroecologia seja recente – o termo *agroecology* foi primeiramente utilizado pelo agrônomo estadunidense Basil Bensin em uma publicação científica, em 1928⁷ –, sua prática é tão antiga quanto a agricultura. Afinal, no início não havia monocultura, agrotóxico e propriedade privada.

⁴ MST ultrapassa 6 mil toneladas de alimentos doados durante a pandemia. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/01/14/mst-ultrapassa-6-mil-toneladas-de-alimentos-doados-durante-a-pandemia/>. Acessado em 29 de maio de 2024.

⁵ O MST e a agroecologia: entre autonomia e subalternidade. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e79736>. Acessado em 29 de maio de 2024.

⁶ O que é Agroecologia? Disponível em: <https://jornadadeagroecologia.org.br/2022/06/08/o-que-e-agroecologia/>. Acessado em 29 de maio de 2024.

⁷ Entenda o significado de ‘Agroecologia na boca do povo’. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/09/14/entenda-o-significado-de-agroecologia-na-boca-do-povo/>. Acessado em 03 de junho de 2024.

Mas a agroecologia hoje se insere como uma prática revolucionária no contexto neoliberal, ao questionar a terra como mercadoria e o ser humano apenas como proprietário ou trabalhador, e inseri-lo como *ser* que existe na natureza.

E ela tende a se popularizar, por ser uma alternativa à crise climática. O relatório Climate Change 2021: The Physical Science Basis⁸ do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)⁹ mostra que as emissões de gases de efeito estufa, que geram as mudanças climáticas, são causadas por atividade humana, sobretudo pela queima de combustíveis fósseis e pelo uso da terra. A crise climática, é importante ressaltar, atinge a sociedade de forma desigual: periferias, comunidades isoladas e pessoas em situação de vulnerabilidade social são as mais atingidas por desastres como enchentes, secas e deslizamentos – é o que se chama de racismo climático.

Há também um recorte de gênero na população mais afetada¹⁰ pela crise climática. Nisso se insere o ecofeminismo, termo utilizado por Françoise d'Eaubonne em seu livro *Le féminisme ou la mort*¹¹. O ecofeminismo se propõe a “lutar contra a desigualdade de gênero em questões relacionadas às mudanças do clima, ao acesso à terra e às repercussões dos modelos produtivos atuais”¹².

O ecofeminismo também comprehende que o capitalismo é o principal opressor das mulheres e da natureza. No caso do MST, a luta contra a opressão ambiental e de gênero tem a agroecologia como pilar fundamental. Os trabalhadores e as trabalhadoras Sem Terra não lutam apenas pela reforma agrária e pelo acesso à terra, mas, também, pelo cuidado da natureza e pela mitigação das mudanças climáticas.

2.3. Lutas feministas

Como um movimento socialista, o MST também se propõe a atingir a igualdade de gênero em sua luta:

⁸ Tradução livre: Mudanças Climáticas 2021: A Base da Ciência Física

⁹ Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Disponível em:

<https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/resources/climate-change-in-data/>. Acessado em maio de 2024.

¹⁰ Novo relatório FAO: Ondas de calor e inundações afectam mulheres e homens rurais de forma diferente e aumentam a disparidade de renda. Disponível em:

<https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1678437/>. Acessado em 31 de maio de 2024.

¹¹ Tradução livre: O feminismo ou a morte

¹² O que é ecofeminismo. Disponível em:

<https://www.fsp.usp.br/sustentarea/2023/03/07/o-que-e-ecofeminismo/>. Acessado em 31 de maio de 2024.

Desde a sua criação, o MST assume como desafio e compromisso a participação de todas e todos os sujeitos no processo de luta. Desta forma, homens, mulheres, jovens, idosos e crianças são protagonistas de sua própria história. A participação política e organizativa das mulheres no Movimento Sem Terra possibilitou a formação de coletivos de auto-organização e discussão sobre sua situação de opressão de classe e de gênero, inclusive na tarefa militante. A criação do Setor de Gênero, em 2000, ampliou e aprofundou esta tarefa de debate, formação e luta pela construção de novas relações de gênero e com a natureza. Compreendendo que o patriarcado e o racismo são bases de sustentação da violenta ordem do capital, cabe ao Setor de Gênero atuar nas diversas dimensões da vida dos sujeitos que compõe nossa organização, da base à militância. Ao impulsionar a transformação das relações político organizativas, da cultura, das condições econômicas e subjetivas, pretende-se fortalecer nosso projeto de Reforma Agrária Popular, feminista e antirracista (Quem somos, MST)¹³.

No entanto, as lideranças estaduais e nacionais do movimento são, em maior parte, masculinas, havendo poucas mulheres como representantes políticas do movimento.

Com essa informação, surgiu o interesse de investigar como é de fato a representação e participação das mulheres dentro dos assentamentos e acampamentos. Se elas não são reconhecidas nacionalmente, seriam reconhecidas localmente, em suas próprias comunidades? Qual é a força que essas mulheres têm no local em que se inserem?

Sabendo que a agroecologia é uma prática utilizada pelas mulheres para conquistar sua autonomia, lembrei-me do recorte bidimensional de justiça de gênero desenvolvido por Nancy Fraser em seu artigo Feminist Politics in the Age of Recognition: A Two-Dimensional Approach to Gender Justice¹⁴.

¹³ Quem somos: Gênero. Disponível: <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acessado em 31 de maio de 2024.

¹⁴ Tradução livre: Políticas Feministas na Era do Reconhecimento: Uma Abordagem Bidimensional à Justiça de Gênero

Em resumo, é importante que as lutas feministas incluam uma análise bidimensional de opressão de gênero: o princípio de justiça econômica, adotado por feministas marxistas, e o princípio de reconhecimento cultural, adotado pelo novo feminismo no contexto neoliberal. Para Fraser, as duas faces da opressão precisam ser consideradas para que a ampla igualdade de gênero seja atingida na sociedade, e considerar apenas a opressão econômica ou apenas a opressão cultural pode trazer danos no estabelecimento de políticas públicas feministas.

As duas dimensões da opressão de gênero são a desigualdade econômica – má distribuição (maldistribution) –, com a falta de redistribuição material na sociedade, e a desigualdade cultural – mau reconhecimento (misrecognition), com a falta de reconhecimento da mulher como “paridade participativa” da sociedade. Logo, as políticas de mitigação de opressão de gênero devem se direcionar para a redistribuição material (econômica) e para o reconhecimento da mulher como sujeito na sociedade:

When the two perspectives are combined, gender emerges as a two-dimensional category. It contains both a political-economic face that brings it within the ambit of redistribution, and also a cultural-discursive face that brings it simultaneously within the ambit of recognition. Moreover, neither dimension is merely an indirect effect of the other. To be sure, the distributive and recognition dimensions interact with each other¹⁵ (Fraser, p. 163).

Essa lógica pode ser percebida no MST na medida em que as mulheres, através de suas práticas agroecológicas, conquistam sua independência financeira e soberania alimentar e também são reconhecidas como produtoras desse alimento, guardiãs da terra, liderando a produção de agroecologia no local.

¹⁵ Quando as duas perspectivas são combinadas, o gênero emerge como uma categoria bidimensional. Contém tanto uma face político-econômica que a coloca no âmbito da redistribuição, como também uma face cultural-discursiva que a coloca simultaneamente no âmbito do reconhecimento. Além disso, nenhuma das dimensões é meramente um efeito indireto da outra. É certo que as dimensões distributiva e de reconhecimento interagem entre si. (Tradução livre)

2. 4. Comuna da Terra Irmã Alberta

Com um tema teoricamente justificado – a relação entre agroecologia e lutas feministas no MST –, restava então encontrar um “objeto de estudo”. Qual seria o acampamento ou assentamento que me mostraria a história que eu estava procurando?

Tendo em mente que eu estaria sozinha no processo de gravação e que me locomoveria através de transporte público, tive que fazer um recorte geográfico: eu documentaria acampamentos/ assentamentos que estariam localizados na região metropolitana de São Paulo. Me restaram três opções: Comuna da Terra Irmã Alberta, em São Paulo, Acampamento Dom Tomás Balduíno, em Franco da Rocha, e Acampamento Dom Pedro Casaldáliga, em Cajamar.

No fim, optei por documentar apenas a Comuna da Terra Irmã Alberta. O principal motivo foi a falta de retorno do contato com militantes dos outros dois acampamentos. Mas após pesquisar bastante sobre o Irmã Alberta e sua história, vi que seria interessante, para a proposta do meu documentário, focar apenas neste.

A Comuna da Terra Irmã Alberta está localizada no bairro no bairro Chácara Maria Trindade, no distrito de Perus, na zona noroeste de São Paulo, divisa com o município de Cajamar. A área, que tem cerca de 100 hectares, pertence originalmente à Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP) e estava destinada a ser um lixão. Em julho de 2002, foi ocupada por militantes do MST. Hoje, o Irmã Alberta é um acampamento ainda não regularizado e que sofre com ameaça de despejo da SABESP desde final de outubro de 2023¹⁶. São cerca de 70 famílias¹⁷ que poderiam perder suas casas se o despejo for ação.

O nome Irmã Alberta é uma homenagem à Irmã Alberta Girardi, que, junto com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), se articulou para a criação da Comuna da Terra. Ela faleceu em 2018, aos 97 anos.

¹⁶ Contra ameaça de despejo, Comuna Irmã Alberta, em São Paulo, realiza ato neste sábado. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2023/09/01/contra-ameaca-de-despejo-comuna-irma-alberta-em-sao-paulo-realiza-ato-neste-sabado/>. Acessado em 31 de maio de 2024.

¹⁷ Brasil: Comuna de la Tierra “Irmã Alberta”. Disponível em:

<https://mst.org.br/2023/09/15/brasil-comuna-de-la-tierra-irma-alberta/>. Acessado em 03 de junho de 2024.

A maior parte dos alimentos produzidos no Irmã Alberta é vendida através da Cooperativa Terra e Liberdade, que distribui cestas de alimentos orgânicos até a cidade, e no Armazém do Campo, localizado no bairro Campos Elíseos, próximo ao centro de São Paulo.

Além da produção agroecológica, a Comuna da Terra também conta com o Território Cultural Okaracy, gerido pela companhia Antropofágica de teatro.

3. PROPOSTA

A proposta inicial era produzir um documentário de 25 a 30 min com a seguinte mensagem do processo: mostrar a prática da agroecologia realizada por mulheres dos três assentamentos da região metropolitana de São Paulo e sua relação com as lutas feministas dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra na atualidade.

Os três assentamentos seriam a Comuna da Terra Irmã Alberta, em São Paulo, Acampamento Dom Tomás Balduíno, em Franco da Rocha, e Acampamento Dom Pedro Casaldáliga, em Cajamar.

Esta aqui é a proposta inicial, escrita antes do início das gravações.

O objetivo do documentário é mostrar a prática da agroecologia realizada por mulheres dos assentamentos da região metropolitana de São Paulo e sua relação com as lutas feministas dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na atualidade.

O projeto pretende entrevistar mulheres de três diferentes assentamentos do MST (Irmã Alberta, em São Paulo, Dom Tomás Balduíno, em Franco da Rocha, e Dom Pedro Casaldáliga, em Cajamar) e contar sua prática com agroecologia e como isso se relaciona com suas lutas feministas em forma de narrativa audiovisual. (lutas feminista = lutas pelos direitos/ pelo reconhecimento das mulheres)

Através de seus relatos, espera-se mostrar ao público o que é a agroecologia realizada por mulheres assentadas, como essa prática é importante para sua emancipação (direitos e política) e como isso se relaciona com as lutas feministas MST.

A narrativa terá como ponto de vista (ângulo) a vivência das mulheres assentadas da região metropolitana de São Paulo. Idealmente, o estilo procurado é algo de estética minimalista: evitar usar GCs e recursos visuais extras no processo de pós-edição e também evitar locução minha em off – deixar as entrevistadas falarem por elas mesmas. O esperado é que a estética seja semelhante à de um filme, com a “narrativa” se constituindo apenas de relatos das entrevistadas e imagens de cobertura. PORÉM, talvez uma narração em off seja necessária.

A proposta é que o vídeo se inicie com as entrevistadas realizando atividades do cotidiano com alguma música de fundo (ainda não sei qual, mas pensei que seria legal perguntar para as entrevistadas se elas têm alguma música preferida ou alguma música que elas sintam que as represente e selecionar uma para essa introdução). Após alguns segundos, colocar uma fala impactante de uma das entrevistadas, e que também dialogue com o tema principal. Após essa fala, vou usar alguma imagem *bonita* de cobertura e colocar uma arte gráfica *minimalista* com o título do documentário (ainda não sei qual). Com o fadeout da música, o vídeo irá direto para a primeira entrevista, com a assentada se apresentando.

Depois que as principais assentadas se apresentarem e alguma das falas trouxer um gancho mais histórico, dá pra trazer uma breve recapitação histórica, que seria feita provavelmente em off, da participação feminina do MST. Aqui seria interessante entrevistar militantes que estão há mais de duas décadas no MST, alguém que tenha estudado e vivido isso.

Voltar para o presente. Colocar alguma fala de luta/resiliência. Algo do tipo “conquistamos muito, mas ainda há muito a ser feito”, caso alguém fale algo assim. Mostrar um pouco mais das práticas de agroecologia.

Então, acrescentar uma explicação do conceito de agroecologia. Pode vir das próprias assentadas ou de Maria Izabel Grein, militante histórica do MST-PR, que relaciona a agroecologia com a libertação feminina no movimento. Outra possibilidade é ver se alguma outra dirigente do MST-SP poderia explicar o conceito, caso as assentadas não consigam explicá-lo por completo. Sendo alguém do MST-SP, há mais chances de conseguir fazer uma entrevista presencial (no caso da Maria Izabel Grein, provavelmente teria que ser online).

Aqui as assentadas vão mostrar suas plantações/hortas e depois falar da importância da produção. Perguntar para as assentadas como é a participação delas no dia a dia em relação aos homens; se elas têm autonomia, independência nas escolhas, etc. Elas se sentem valorizadas? Elas se sentem vistas como iguais?

Depois disso é possível trazer mais gancho com as lutas feministas dentro do movimento, relacionando-as novamente com a agroecologia.

Por fim, falar da permanência da luta, das conquistas que elas ainda querem ter. Perguntar o que elas ainda querem, o que falta pra elas.

Roteiro de perguntas:

1. Me conte um pouco quem é você.
2. Quando e como foi a decisão de vir para o assentamento?
3. O que você planta aqui?
4. Por que você decidiu trabalhar com a plantação de hortaliças?
5. Aqui vocês trabalham com a agroecologia. O que é a agroecologia para você?
6. Onde vocês comercializam? Para onde a plantação vai?
7. Como é a sua rotina no assentamento?
8. De quem são as responsabilidades diárias com a casa? Você tem com quem dividir?
9. Como é a participação das mulheres neste assentamento?
10. Qual é a decisão que as mulheres têm neste assentamento?
11. Como as pessoas que vivem aqui na comunidade enxergam/avaliam o seu trabalho?
12. Em que medida as mulheres têm poder de decisão naquilo que diz respeito a toda a comunidade?
13. Em que medida a plantação agroecológica tem relação com as lutas por liberdade da mulher?
14. O que você sente que ainda falta ser conquistado? O que você gostaria de mudar? Quais são os próximos passos?
15. Qual é o seu maior sonho?

A proposta se modificou durante o processo de produção, como era de se esperar. Em primeiro lugar, por dificuldades de comunicação com o segundo e o terceiro acampamentos, optou-se por entrevistar apenas mulheres do primeiro, a Irmã Alberta. O tempo final também foi menor do que o imaginado, com o documentário reduzido para 21 minutos e 51 segundos.

Além disso, durante o processo de roteirização e edição, optou-se por não resgatar o histórico de lutas feministas no MST e focar no que estava sendo realizado no presente, especificamente na Comuna Irmã Alberta. As gravações em off não foram

utilizadas, porém falas minhas apareceram no vídeo – o que eu acreditei ter sido bastante orgânico.

Para além do pré-roteiro, havia também a proposta de que o documentário fosse não apenas sobre luta, mas também sobre esperança. A ideia era mostrar que, apesar da crise climática – que tem recorte de gênero, raça e classe social –, existem mulheres lutando por um futuro sustentável e também por sua própria libertação.

Afinal, o jornalismo ambiental infelizmente reporta muitas tragédias – o que é necessário, já que vivenciamos uma crise climática –, mas é importante também mostrar histórias positivas e felizes para gerar a esperança de que, se cuidarmos da terra, o planeta não morrerá. E nesse caso, o cuidado com a terra também é uma forma de libertação feminina, algo que o projeto tinha a intenção de mostrar.

Por fim, o título foi definido durante o processo da entrevista, e veio da fala de uma das entrevistadas, a Silvana:

Quando a gente pensa que luta feminista é só, por exemplo, a lei que vai permitir que a mulher ande na rua com qualquer tipo de roupa... também é a, a, o pensamento mais evoluído, mais desenvolvido, de que a mulher, ela faz parte de um ecossistema em que ela é a matriarca, ela cuida da semente, ela cuida do futuro.

Eu estava em busca de algum termo que representasse, de fato, a luta dessas mulheres, e senti que “matriarca” cumpriu o seu papel: a mulher, nessas comunidades, é a que trabalha e a que lidera, a que cuida da terra.

4. PRODUÇÃO

Para produzir o documentário, eu havia inicialmente entrevistado cinco mulheres acampadas da Comuna da Terra Irmã Alberta. No entanto, uma delas estava no MST há pouco tempo e não conseguiu contribuir muito na entrevista e eu decidi não inseri-la no documentário, embora conhecer sua trajetória também tenha sido relevante para todo o processo de produção.

A maior dificuldade encontrada foi técnica: embora eu já tenha tido muitas experiências audiovisuais durante a graduação, eu estava, pela primeira vez, produzindo algo sozinha. O deslocamento de 2h até o acampamento foi cansativo – um trajeto incluindo metrô, trem e dois ônibus –, porém seguro. Na primeira entrevista, eu tive problema com o cartão de memória, que foi insuficiente – e tive que gravar algumas cenas com o celular. Depois dessa entrevista, eu comprei dois cartões de memória de 256 GB, que foram suficientes para as outras três entrevistas e as gravações de cobertura. No total, eu fiz cinco viagens ao assentamento: quatro para entrevistas e uma apenas para captação de imagens de cobertura.

Eu também tive problemas com a falta de espaço de armazenamento no Google Drive e falhas técnicas no meu computador, questões que, no fim, foram resolvidas.

Depois de ter feito todas as entrevistas e ter transscrito todo o material, pude separar o conteúdo, que se dividia em quatro blocos principais:

1. Agroecologia
2. Relação da mulher com a terra
3. Lutas feministas
4. Próximos passos

Havia também outros tópicos relevantes que foram mencionados, mas que não se enquadriaram na proposta do documentário, como a compreensão marxista da reforma agrária, a ameaça de despejo da Comuna da Terra Irmã Alberta – uma área que pertence à SABESP, a história deste acampamento, a presença de invasores de terra dentro do próprio MST e as práticas de educação popular desenvolvidas lá dentro.

O roteiro, então, foi escrito com base na sequência dos quatro tópicos principais selecionados, porém sofreu alterações no processo: a inserção de mais imagens de

cobertura, a reorganização das sequências de falas e a adição de transições mais explícitas para os blocos (com os subtítulos).

O processo de edição contou com quatro versões do vídeo, até se atingir a versão final desejada. Depois de tanto mexer no projeto, eu já estava totalmente familiarizada com as entrevistadas e já havia decorado quase todas as falas. Foi como se eu estivesse junto com elas, conversando com amigas próximas, companheiras de luta.

Algo que facilitou a edição foi a minha familiaridade com o Adobe Premiere (obrigada, Jota, pela oportunidade de ter sido diretora de audiovisual em 2020!), o que tornou a edição técnica muito mais intuitiva. Pensar na parte criativa de inserção de trilha sonora e de imagens de cobertura foi um pouco mais complicado, mas não impossível.

No fim, foi um pouco intuitivo também: eu segui o que a minha mente me dizia fazer mais sentido para contar, de forma bonita, a relação dessas quatro mulheres com a agroecologia.

E junto à minha intuição criativa foram igualmente importantes (talvez até mais importantes) os feedbacks certeiros da Mônica, que eu ouvi e coloquei em prática da melhor forma possível. Em cada nova versão da edição pude perceber como a narrativa audiovisual havia evoluído.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho quis explorar o potencial do jornalismo audiovisual em contar histórias social e ambientalmente relevantes. O documentário foi uma forma de experimentação, na qual a linguagem não se limitava apenas ao texto (neste caso áudio): o texto e a imagem se complementaram.

E também cabe ao jornalismo ambiental mostrar não só o desastre, mas também a esperança. Diante das catástrofes climáticas, torna-se inevitável reportar a tragédia – um ato necessário, é claro. Mas também se esquece, muitas vezes, de mostrar boas histórias. De mostrar que há pessoas fazendo algo pelo planeta. É o caso dessas matriarcas da terra.

Além de ter acompanhado as práticas ecofeministas da agroecologia, eu pude perceber que a relação entre a mulher e a terra vai para além do político e social: é também uma relação quase espiritual, um misticismo da terra como uma entidade feminina e que tem a mulher como sua guardiã. Seria uma lógica contrária ao produtivismo capitalista masculino. Porque, neste contexto, nem o homem nem o capital têm espaço. A agroecologia feita por mulheres é subversão.

Há alguns anos eu me identifico como marxista e ecofeminista. Mas, vivendo na cidade – e mal sabendo cuidar de um cacto – essa aproximação com o ecofeminismo sempre foi mais teórica do que prática. Ter a oportunidade de documentar uma comunidade específica que vive nesse contexto e conversar com essas mulheres, conhecê-las melhor, foi perceber que: olha, ecofeminismo existe sim. Talvez não seja definido como tal por quem o pratica. Mas na capital paulista há mulheres que lutam pela sua libertação através da agroecologia e do cuidado com a terra.

Pessoalmente, produzir esse documentário foi uma reafirmação da minha paixão pelo audiovisual – apesar de todas as inseguranças – e da minha identificação com o Movimento dos Trabalhadores [e das Trabalhadoras] Rurais Sem Terra.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando Freitas de. Assentamento Irmã Alberta na Metrópole de São Paulo. Universidade Federal de São Carlos, 2013.

BÖLL, Fundação Heinrich. Dossiê da Agroecologia na América Latina: Um futuro necessário. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em:

<https://br.boell.org/sites/default/files/2024-02/231225-dossie-agroecologia-2023opt.pdf>

FERNANDES, Bernardo Mançano, e STEDILE, João Pedro. Brava Gente - A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

FRASER, Nancy. Feminist Politics in the Age of Recognition: A Two-Dimensional Approach to Gender Justice, in Fortunes of Feminism: From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis. Verso, London, 2013. pp. 159 - 173

MARX, Karl and ENGELS, Friedrich. The Communist Manifesto. Penguin Books. London, 1985.

MST. Nossa história. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/>. Acessado em 29 de maio de 2024.

MST. Quem somos. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acessado em 31 de maio de 2024.

PLANALTO. LEI Nº 8.629. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8629.htm. Acessado em 29 de maio de 2024.

SAITO, Kohei. O ecossocialismo de Karl Marx. Boitempo, 2021.

7. ANEXO I

FICHA TÉCNICA DO DOCUMENTÁRIO

Título: Matriarcas da Terra

Ano: 2024

Duração: 21min51s

Produção: Karina Tarasiuk

Roteiro: Karina Tarasiuk

Edição: Karina Tarasiuk

Entrevistadas: Íris Filomena Santos da Rocha, Joselene Araújo Santana, Maria Alves da Silva e Silvana Bezerra da Silva

Trilha sonora: do álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: Sem Terra, Violeiro Viajante – Lucas e Wellington; Terra de Ninguém – Gilvan Santos; Fecunda-ação – Anita Lino; Em Cada Canto de Minas – Bruna Gavino; Eu Não – Moisés Henrique; Rumo a Nossa Utopia – Grupo de Cultura, Arte e Terra

8. ANEXO II

ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

ÁUDIO	ARQUIVO	ARQUIVO	IMAGEM
Bom, a primeira coisa que planto é esperança, né. Esperança de permanecer nessa área. Então tá aqui o o fruto da minha esperança, né, a minha, a minha mais nova fonte de inspiração pra continuar lutando pela esperança.	SILVANA ENTREVISTA 2 4'54" – 5'11"		
Nessa parte aqui que é onde eu vou fazer o meu roçado. Tem, já teve lindo esses... nesses 21 anos eu plantei muita coisa boa.	MARIA 3 1'50" – 2'05"		
É essas coisas que nos deixa... muito feliz. A gente ver uma fruta dessa no pé assim, né.	ÍRIS 1 0'11" – 0'20"		
A terra é boa, hein. <i>É boa a terra?</i> Nossa, aqui eu plantava muito agrião aqui. Muito mesmo. Tinha uma plantação de couve... eu tinha 400 pés de couve plantados. Nossa...	JO 9 0'00" – 0'13"		
[MÚSICA]	Álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 35'55" Sem Terra, Violeiro Viajante – Lucas	MVI_8249	[borboleta branca na flor] GC: Matriarcas DA TERRA

	e Wellington		
[MÚSICA]	Álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 35'55” Sem Terra, Violeiro Viajante – Lucas e Wellington	caminho irmã alberta 1	[caminho irmã alberta em time lapse] GC: IRMÃ ALBERTA
[MÚSICA]	Álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 35'55” Sem Terra, Violeiro Viajante – Lucas e Wellington	MARIA 4	[Maria abrindo o portão e entrando na casa]
Ok. Eu sou maria alves. Eu sou bem falada. Mas a por conta da do tempo de vida e tempo de luta, né.	MARIA ENTREVISTA 1 0'22” – 0'33”		
Eu sou... Íris Filomena. Estou aqui ja tem 21 anos, né.	ÍRIS ENTREVISTA 1 1'21” – 1'34”		
Bom dia! Meu nome é Joselene Araújo Santana, tenho 50 anos e sou conhecida como Jo. Moro no acampamento Irmã Alberta há 10 anos.	JO ENTREVISTA 4 0'34” – 0'46”		
Bom, entao meu nome é Silvana Bezerra da Silva. Eu sou moradora e	SILVANA ENTREVISTA 2		

militante aqui da Comuna da Terra Irmã Alberta no MST na Grande São Paulo	0'22" – 0'31"		
E aqui nesse território, nós estamos aqui na zona noroeste de São Paulo, no bairro Chácara Maria Trindade, que pertence aqui a Perus.	SILVANA ENTREVISTA 2 0'54" – 1'02"		
É uma ocupação, se chama Comuna da Terra Irmã Alberta, é uma ocupação de mais de 20 anos. Nós reivindicamos essa área para a reforma agrária, mas com um propósito muito claro, que é fazer a luta pela	SILVANA ENTREVISTA 2 1'02" – 1'15"		
agroecologia, fazer a luta pela produção de alimentos limpos e trabalhar com essa perspectiva: de alimentação saudável, mas com um diálogo direto com o trabalhador da cidade.	SILVANA ENTREVISTA 2 1'15" – 1'27"	MVI_8243	[berinjela]
Né, então nós somos trabalhadores rurais, nós estamos dentro da cidade, é, não perdemos a característica desse trabalhador do campo. Pelo contrário: nós viemos trazer esse diálogo sobre alimentação e a produção de alimentos limpos aqui mais próximo do nosso consumidor.	SILVANA ENTREVISTA 2 1'27" – 1'43"	caminho irmã alberta 2	[caminhos de terra do acampamento]
Fazendo o manejo... <i>Isso aqui dá pra chamar de agrofloresta?</i> É. Ela... É uma agrofloresta? SAPS. SAPS, né? Você fala SAPS. Sistemas Agroflorestais... Ah tá. Hoje eu já estive aqui nesse meio	MARIA 4 2'00" –		[Maria mostrando a agrofloresta]

colhendo um mamão, um limão. <i>Aham.</i> <i>É, eu vi lá.</i>			
[MÚSICA]	Álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 12'35” Terra de Ninguém – Gilvan Santos 30'31”	ÍRIS 4	[abacate da Íris] GC: AGROECOLOG IA
Quando eu falo agroecologia, eu não tô falando apenas de produzir é colher e vender. Eu tô falando de um uma coisa mais ampla bem ampla. E que quando se fala em agroecologia eu vou ligar sempre:	MARIA ENTREVISTA 3 3'58” – 4'16”		GC: Maria Alves da Silva
os recursos que tem naquela área que eu posso melhorar, as águas que correm nessa nesse território pode melhorar,	MARIA ENTREVISTA 3 4'16” – 4'26”	MARIA 4 3'05”	[Maria andando]
e todas ações, ações que eu possa fazer, ela tem que ser de forma solidária, consciente e com compromisso.	MARIA ENTREVISTA 3 4'26” – 4'42”		
Pra que ela não seja o a aquele territóriozinho, aquele meu pedaço, aquela minha renda. Mas que ela seja uma coisa coletiva...	MARIA ENTREVISTA 3 4'42” – 4'54”	MARIA 3	[Maria andando]
Vou devagarinho. Você não precisa	MARIA		

<p>correr na agricultura. Agroecologia, principalmente. Você não precisa correr. Não. Vamos trabalhar com calma, de acordo com a natureza, não precisa correr... Ah, que bonitinho, eu tô fazendo bonitinho... Ah, a terra agradece quando eu deixo ela descansar...</p>	<p>ENTREVISTA 5 13'35" – 14'07"</p>		
<p>Porque uma agrofloresta, um lote que se considera agrofloresta, você tem que misturar a... misturar as fruta. Não é as fruta. Como diz misturar... a natureza, a... a nativa, aliás. As árvore nativa junto com as fruta, né.</p>	<p>ÍRIS ENTREVISTA 2 2'55" – 3'29"</p>		<p>GC: Íris Filomena Santos da Rocha</p>
<p>E não é pra por a fruta só a acerola, só a uva. Ou só a pitaya. Aí eu misturei esses três. Entendeu? Pra poder ser uma agrofloresta. Porque senão não é. Se você planta 300 pé de acerola, você fez um plantio de acerola. Você não tá fazendo uma agrofloresta.</p>	<p>ÍRIS ENTREVISTA 2 3'29" – 3'59"</p>	<p>ÍRIS 1 1'46"</p>	<p>[Íris mostrando a agrofloresta]</p>
<p>Eu acho tão bonito. E só esse pé esse ano deu. Os outros pés não deu. Porque eu tenho cinco pés aqui dentro de pocã. <i>Que que é essa aqui atrás?</i> Esse aí é boldo. <i>Hmm.</i> É... Eu descobri que a pocã tinha um pulgão e ela não gostava de boldo, porque eu amassava e jogava, matava. <i>Aham.</i> Que foi o que aconteceu com esse pé. Foi muito legal isso. E aí eu comecei a espalhar boldo por aqui</p>	<p>ÍRIS 6 1'21" – 2'08"</p>		<p>[Íris mostrando a agrofloresta]</p>

<p>pelas... <i>E não dá mais pulgão?</i> E agora não dá mais pulgão. <i>Olha que coisa.</i> Né, então quer dizer: matou o pulgão, deu uma pocã dessa qualidade, né. E sem veneno. Cê tá vendo? Como a gente... E aí a gente vai cuidando dessa maneira, né.</p>			
<p>Olha, agroecologia pra mim significa tudo, principalmente aqui dentro do acampamento, né, a gente cuidar do entorno. Cuidar das nascente, da preservação, plantar muita arvore nativa, né. A gente ja tem que plantar mesmo dez milhões de árvore, né. E aí o que a gente planta a cada dia vai rendendo, então a gente sempre trabalha com a agroecologia.</p>	<p>JO ENTREVISTA 6 0'09" – 0'39"</p>		<p>GC: Joselene Araújo Santana</p>
<p>Aí eu peguei essa parte aqui, né. Pra plantar. Mas daí eu pensei: o que plantar? Eu vou plantar banana! <i>Aham.</i> Menina, eu plantei banana demais! E ontem a gente tiramos quatro cachos daqui. (8'52")</p>	<p>JO 6</p>		
<p>Então pra mim é uma filosofia de vida. Pra mim é a harmonia entre ser e estar dentro de um... de um espaço onde é necessário ter um equilíbrio entre o trabalho, entre a produção de alimentos, mas principalmente da questão da propria natureza, da vontade da</p>	<p>SILVANA ENTREVISTA 3 0'27" – 1'24"</p>		<p>GC: Silvana Bezerra da Silva</p>

natureza, né, da sazonalidade, por exemplo, a temperatura, o clima, o tipo de terra...			
É respeitar esse, esse movimento, essa dinâmica da própria natureza, né. Então entra como filosofia de via porque nós estamos integrados, né. Não dá nem pra forçar um tipo de produção que ela não existe, por exemplo um... ficar forçando uma produção exótica dentro do meu lote. (...) E só pra lucro, por exemplo,	SILVANA ENTREVISTA 3 0'27" – 1'24"	SILVANA 3 12'05"	[Silvana andando pela agrofloresta]
mas que principalmente eu possa me alimentar do meu quintal, né. Então eu vou vender o excedente? Vou vender o excedente. Mas que tipo de excedente? O que eu escolher, né. Quanto maior o número de diversidade, né, de tipos de alimentos eu tiver, de produção que eu tiver,	SILVANA ENTREVISTA 3 1'24" – 1'51"		
é melhor pra mim, melhor pra terra. Porque a terra não precisa de monopólio. Ela não precisa ser forçada a produzir um tipo de nutriente. Pelo contrário.	SILVANA ENTREVISTA 3 1'24" – 1'51"	SILVANA 3	[Silvana andando pela agrofloresta]
Vem cá ver que bonitinho. <i>Uhum. Ó. Nossa... Hahahahaha Que bonitinho!</i> É uma deliciinha essa abóbora. Abóbora paulista. <i>Aham.</i> Olha ela ali. <i>Tem mais aqui? Ai que bonitinha. E as bananeiras também.</i> É, ó. O pé de abacate, as	SILVANA ENTREVISTA 3 10'02" – 10'45"		[Silvana mostrando a abóbora]

bananeiras... Legal. E essa vista aqui, né? É... Linda também, né? Vem cá.			
[MÚSICA]	Álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: – Fecunda-ação – Anita Lino	MVI_8239	[árvores/bananeira] GC: A MULHER E A TERRA
A terra é feminina, né. A terra é uma mulher. E... e libertar essa, essa mulher, tambem é libertar a gente, né.	SILVANA ENTREVISTA 5 2'05” – 2'16”		
Porque daí, é, se cada um pudesse plantar a sua propria muda, o seu proprio canteiro, né, é uma forma de libertação. É uma forma de libertação do mercado, é uma forma de libertação do seu... também da sua autonomia, né. Escolher o que voce vai comer, um alimento fresco, um alimento saudavel, é é o sentido maior de liberdade, né.	SILVANA ENTREVISTA 5 3'07” – 3'29”	SILVANA 3 4'11”	[Silvana mostrando as plantas]
Quando a gente pensa que luta feminista é so, por exemplo, a lei que vai permitir que a mulher ande na rua com qualquer tipo de roupa... tambem é a, a, o pensamento mais evoluído, mais desenvolvido, de que a mulher, ela faz parte de um ecossistema em que ela é a matriarca, ela cuida da semente, ela cuida do futuro.	SILVANA ENTREVISTA 5 4'25” – 4'49”		
Quando a gente vai fazer o plantio da	JO		

<p>agroecologia, é mais mulheres. É quatro, cinco homi que aparece. E as mulher... os homi eles vai mais pra ouvir, e as mulheres que põem a mão na massa. Tem cara que ele chega, ele senta, ele fica so escutando, fazendo pergunta...</p>	<p>ENTREVISTA 4 2'36" – 2'57"</p>		
<p>E é a mulher que pega a enxada, que pega a cavadeira... A mulher pega o facão... Então isso ajuda muito a mulher a se libertar. Ajuda, porque ela tá vendo que ela é independente, que pra ela fazer um roçado ela não precisa dum homi, pra ela fazer um berço, pra ela plantar um pé de laranja, ela não precisa do homi pegar a cavadeira, que ela ja vai lá, já pega a cavadeira e já cava.</p>	<p>JO ENTREVISTA 4 2'57" – 3'22"</p>	<p>JO 9</p>	<p>[Jo mostrando as plantas e andando pela plantação]</p>
<p>Eu fui revivendo toda essa historia de mulheres do campo, mulheres agricultoras, de mulheres pela vida que... a mulher ela ja, ela gera vida.</p>	<p>MARIA ENTREVISTA 4 2'30" – 2'45"</p>		
<p>Então se você pensar em agroecologia, pensar nesse desenvolvimento das mulheres, e a importancia dessas mulheres no sistema agroecológico (...) que essas mulheres promovem saúde (...) porque sabe que o alimento saudavel, ele é produzido ali naqueles vários territórios... vão dar saúde pro, pra toda a população, né.</p>	<p>MARIA ENTREVISTA 4 3'02"" – 3'52"</p>	<p>MVI_8220</p>	<p>[parreira e peixinho]</p>

<p>E nós precisamos desse homem mais atento, mais capacitado. Porque aí o homem junto e a mulher junto, a gente sabe que vai defender vidas, defender, vai, vai defender que a, a, mas por que o homem precisa ser desligado dessas coisas? Não se preocupa, tá preocupado apenas com o lucro e isso... não! Se esse homem precisa também, sabe? estar envolvido, tá se formando, né, pra que ele consiga ajudar essa mulher. Não é o... um... não é só sozinha.</p>	<p>MARIA ENTREVISTA 4 5'25" – 6'15"</p>		
<p>[MÚSICA]</p>	<p>Álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 22'46" Em Cada Canto de Minas – Bruna Gavino</p>	<p>MVI_8247</p>	<p>[borboleta amarela na flor] GC: LUTAS FEMINISTAS</p>
<p>Olha. Aqui é um assentamento, que ele é formado de mulheres. Os homens daqui, a maioria... como se não existisse. A gente aqui dentro a gente não depende dos homi. Aqui são duas ou três pessoas que têm um companheiro que ajuda, o restante... Você vai numa reunião, só tem mulher. Cê vai num encontro, só tem mulher. Cê vai fazer alguma atividade aqui dentro, é só com as mulheres.</p>	<p>JO ENTREVISTA 3 0'26" – 0'53"</p>		

Aqui tem muita mulher... porreta mesmo. Que gosta de trabalhar. E tem outras que são submissa. Isso aí eu acho que é difícil acabar, né.	JO ENTREVISTA 3 0'53" – 1'04"		
Porque a gente mulher, a gente não tem que deixar o homem mandar. Ele não é meu dono, vai mandar em mim por que?	JO ENTREVISTA 3 2'18" – 2'26"		
A coordenação aqui é formada de mulheres. A gente tem um companheiro que é da coordenação que ele de vez em quando que ele aparece. Então eu nem sei se ele ainda é coordenador, porque tem mais de ano que eu não vejo ele numa reunião. Mas a reunião aqui é formada só de mulheres. E o coordenador, que é o Davi, né, que vem pra participar da reunião. Mas fora é das mulheres. A decisão é tomada de mulheres. A gente vai fazer plantio, é de mulheres. Se a gente vai pegar uma área coletiva, é sempre as mulheres.	JO ENTREVISTA 4 8'07" – 8'46"	JO 6	[Jo mostrando a agrofloresta]
Quando uma avança todas as outras vão junto, né.	SILVANA ENTREVISTA 3 11'06" – 11'10"		
Então hoje nós estamos aqui dentro do movimento Irmã Alberta, da Comuna da Terra Irmã Alberta, a liderança em maior número é feminina. Os trabalhos coletivos são puxados pelas mulheres e as mulheres é que falam sobre o movimento aqui dentro, né. E foi algo	SILVANA ENTREVISTA 3 12'00" – 12'26"	SILVANA 5	[árvores e gata]

natural, não foi porque, é... nossa, só nós mulheres tomamos a frente. É, porque os homens não estavam atentos, estavam fazendo outras coisas, né,			
E aí nós não perdemos a oportunidade. Pelo contrário. Fomos fazendo o trabalho certinho.	SILVANA ENTREVISTA 3 12'26" – 12'31"		
Eu acho que desde o momento que você é, faz, é desde o momento que você participa duma plantação dessa, né, do, dum de um espaço desse que nos ocupamose que tamos plantando, né, eu acho que isso já é liberdade. Desde quando você faz o que quer, o que gosta,	ÍRIS ENTREVISTA 3 5'15" – 5'41"		
da maneira que quer. Eu acho que isso ja é uma liberdade assim... total, né.	ÍRIS ENTREVISTA 3 5'41" – 5'51"	ÍRIS 1	[Íris mostrando a vagem]
E passei a gostar, começar a gostar do que eu via aqui... É muito bonito, uma uniao muito bonita o Movimento Sem Terra.	ÍRIS ENTREVISTA 1 3'57" – 4'10"	ÍRIS 3	
[MÚSICA]	Álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 20'13" Eu Não – Moisés Henrique	MVI_8237	[árvore e céu] GC: PRÓXIMOS PASSOS

<p>Cuida também da lindeza da, do quintal né. <i>Uhum.</i> Ainda não tenho, né, vamos dizer assim, um, um jardim bem organizado, mas eu já tive e eu vou voltar a trabalhar com isso, porque isso faz bem pra, pra alma da gente, né. Ah... dar uma podada nessas quaresmeiras e tal, mas seguir com essa minha... essa beleza de saber que é uma terra que eu posso fazer umas clareiras aqui, e plantar muita coisa...</p>	<p>MARIA 7 1'35" – 2'18"</p>		
<p>E meu sonho é que a gente conquista essa área. E se a gente não conquistar, a gente vai ficar aqui. Se a gente já tá há 21 anos, que a gente fique 80 anos aqui. Porque essa area, ela é de direito a nós que estamos aqui ha muito tempo,</p>	<p>JO ENTREVISTA 4 3'56" – 4'06"</p>		
<p>cuidando da area, porque aqui ia ser um lixão, né. Então aqui quando chegou não tinha nada, só tinha mato. Hoje o acampamento ta bonito. Tem muita gente produzindo, quem chegou aqui com 40 tá com 60, quem chegou com 60 tá com 80. Então essa terra de direito é nossa.</p>	<p>JO ENTREVISTA 4 4'06" – 4'34"</p>	<p>JO 7</p>	<p>[Jo cuidando das plantas]</p>
<p>Deixa essa daqui pra quem quer produzir, pra quem quer morar no mato.</p>	<p>JO ENTREVISTA 4 5'20" – 5'24"</p>	<p>JO 7</p>	<p>[Jo cuidando das plantas]</p>
<p>Eu já tô com 50 anos, né. Dinheiro... ficar rica eu não vou... ficar. Então o pouco que eu tenho tá bom demais.</p>	<p>JO ENTREVISTA 5 0'00" – 0'29"</p>		

<p>Trabalho, meu companheiro trabalha, a gente não passa dificuldade, a gente vive bem. Agora o meu maior sonho mesmo é a conquista da área. Pra mim saber que eu vou deitar tranquila e não vou ficar com o pensamento que o trator tá vindo e vai passar por cima de tudo.</p>			
<p>Então que que precisa melhorar? Essa questão da visão sobre o acessos das leis, né. Sobre o acesso da luta pela reforma agrária.</p>	<p>SILVANA ENTREVISTA 5 5'50" – 6'11"</p>		
<p>Não deveria na verdade ser uma luta. Já que é uma lei devia ser algo muito mais acessível, né, fazer um cadastro simples lá no INCRA e conseguir, ah,n ocupar uma area.</p>	<p>SILVANA ENTREVISTA 5 5'50" – 6'11"</p>	<p>SILVANA 3</p>	
<p>E é tão gostosinha essa sombra, né. <i>Aham</i>. Esse arzinho que vem aqui. Nossa... eu já passei várias tardes e noites assim só pensando na vida. <i>Haha</i>. Com esse, com esse arzinho que vem, com esse ventinho gostoso. <i>Uhum</i>. Esse barulhinho de silêncio hahahaha. <i>Eu gosto</i>. É bom. Na loucura da cidade a gente precisa de um cantinho assim. Pra poder... respirar, né.</p>	<p>SILVANA 3</p>		
<p>Mudar acho que nada. Do jeito que está... o que nós precisamos é da conquista dessa terra. Né. A conquista dessa terra vai fazer com que nós... a nossa liberdade</p>	<p>ÍRIS ENTREVISTA 3 8'28" – 8'46"</p>		

chegou. Haha.			
Porque o meu sonho é o sonho de todos que moram aqui, né, a conquista dessa terra.	ÍRIS ENTREVISTA 3 9'47" – 9'58"		
Então, menina, tem hora que eu fico, quando eu venho trabalhar de manhã aqui, eu fico olhando pra isso, eu falo: meu deus. Se me tirarem isso de mim, eu não saberia viver mais... em outro canto, né... Aqui é um lugar muito gostoso. A gente é muito feliz aqui.	ÍRIS 1 9'36" – 9'59"		
	MÚSICA – álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 39'22" Rumo a Nossa Utopia – Grupo de Cultura, Arte e Terra	ÍRIS 8	ENTREVISTADAS Íris Filomena Santos da Rocha Maria Alves da Silva Silvana Bezerra da Silva Joselene Araújo Santana
	MÚSICA – álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 39'22" Rumo a Nossa Utopia – Grupo de Cultura, Arte e	ÍRIS 8	ORIENTAÇÃO Prof. Dra Mônica Rodrigues Nunes

	Terra		
	MÚSICA – álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 39'22” Rumo a Nossa Utopia – Grupo de Cultura, Arte e Terra	ÍRIS 8	PRODUÇÃO E EDIÇÃO Karina Tarasiuk
	MÚSICA – álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: 39'22” Rumo a Nossa Utopia – Grupo de Cultura, Arte e Terra	ÍRIS 8	MÚSICAS Do álbum do MST “Da Luta Brotam Vozes da Liberdade”: Sem Terra, Violeiro Viajante – Lucas e Wellington Terra de Ninguém – Gilvan Santos Fecunda-ação – Anita Lino Em Cada Canto de Minas – Bruna Gavino Eu Não – Moisés Henrique Rumo a Nossa

			Utopia – Grupo de Cultura, Arte e Terra
--	--	--	-----------------------------------------------